



REINO UNIDO

Sunak promete consertar os erros de Liz Truss

O primeiro chefe de governo não-branco e o mais jovem em dois séculos começa a formar gabinete, avisa que precisará tomar "decisões difíceis" e admite equívocos da antecessora. Premiê hindu anuncia que vai priorizar a estabilidade econômica

» RODRIGO CRAVEIRO

Com as promessas de reafirmar o Partido Conservador — fragmentado em várias facções —, reparar os erros cometidos por Liz Truss e devolver a estabilidade econômica a um Reino Unido mergulhado na crise, Rishi Sunak assumiu ontem como o primeiro premiê não-branco e o mais jovem chefe de governo em dois séculos. Mas suas ações iniciais causaram incômodo em parlamentares, especialmente a recondução da ultraconservadora Suella Braverman ao posto de ministra do Interior, menos de uma semana depois de ela apresentar a renúncia do governo Truss.

Depois de comparecer à primeira audiência com o rei Charles III no Palácio de Buckingham (veja foto), uma tradição que se repetirá semanalmente, o primeiro hindu a comandar o governo começou a dar forma ao seu gabinete. Além de Braverman, Sunak manteve nos cargos os ministros Jeremy Hunt (Finanças), James Cleverly (Relações Exteriores) e Ben Wallace (Defesa). Dominic Raab, ex-chefe da diplomacia britânica, foi apontado ministro da Justiça e vice-premiê. Rival no processo de sucessão de Truss, Penny Mordaunt foi mantida como ministra das Relações Parlamentares. Pouco antes, Truss fez um breve pronunciamento de despedida: "Desejo a Rishi Sunak todo o sucesso pelo bem de nosso país."

Em seu discurso inaugural (leia Trechos), em frente a 10 Downing Street, Sunak admitiu equívocos de Truss. "Ela não errou em querer melhorar o crescimento deste país, é um objetivo nobre. (...) Mas alguns erros foram cometidos", declarou. "Fui eleito líder do meu partido, e como seu primeiro-ministro, em parte, para consertá-los. Esse trabalho começa imediatamente. Colocarei a estabilidade econômica e a confiança no centro da agenda deste governo." Ele avisou, no entanto, que será forçado a tomar "decisões difíceis".

No primeiro dia de governo, o ex-executivo bilionário e neto de

Justin Tallis/AFP



Diante de um "batalhão" de fotógrafos e repórteres, Rishi Sunak faz o seu primeiro pronunciamento como premiê, em frente a 10 Downing Street

Aaron Chown / POOL / AFP



indianos cumpriu agenda de política externa. Sunak conversou por telefone com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Em nota, a Downing Street informou que o norte-americano afirmou que "o Reino Unido continua sendo o aliado mais próximo dos EUA e o primeiro-ministro confirmou a grande força da relação entre os dois países". Ambos também debateram a guerra na Ucrânia e a Irlanda do Norte. À

noite, Sunak também falou com o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky. "Tanto ele quanto o povo ucraniano podem contar com a contínua solidariedade e o apoio do Reino Unido. Estaremos sempre ao lado da Ucrânia", reforçou.

Abertura

Professor do Instituto Europeu da London School of Economics (LSE), Iain Begg sublinhou

A cerimônia do "beija-mão" com o rei Charles III

Por volta das 11h (7h em Brasília), Rishi Sunak chegou ao Palácio de Buckingham para a protocolar cerimônia do "beija-mão", a primeira audiência com o rei. O novo premiê foi recebido por Sir Clive Alderton, principal secretário particular de Charles III e da rainha consorte, Camilla Parker-Bowles, e pelo escudeiro real, tenente-coronel Jonny Tompson. Apesar do nome, não existe o ato de beijar as mãos do rei. A cerimônia consiste na instalação formal do primeiro-ministro. O monarca o oficializa no cargo e o encarrega de formar o gabinete. Segundo a tradição, o novo premiê se dirige até o palácio a bordo do próprio carro e deixa o local em automóvel oficial do governo.

ao **Correio** que Sunak reconheceu os erros do governo anterior. "O novo premiê mostrou-se aberto em relação às difíceis escolhas que precisará fazer e os custos pelos quais alguns britânicos — talvez muitos — terão que arcar no país. Ele reafirmou o compromisso com o manifesto em favor do chamado 'nivelamento', de 2019; isto é, prometeu lidar com as disparidades regionais."

De acordo com Begg, Sunak buscou ser pragmático ao nomear o gabinete. "Ele apontou ministros de diferentes alas do Partido Conservador, ao contrário de Truss, que escolheu principalmente correligionários. Isso aumenta a probabilidade de ele evitar disputas internas e de governar com eficiência", disse. Questionado sobre os apelos da oposição por eleições gerais, o especialista lembrou que, por ter

Trechos / Primeiro pronunciamento

"Acabei de ir ao Palácio de Buckingham e aceitei o convite de Sua Majestade o Rei para formar um governo em seu nome. É justo explicar por que estou aqui como seu novo primeiro-ministro."

"Neste momento, nosso país está enfrentando uma profunda crise econômica. As consequências da covid ainda perduram. A guerra de Putin na Ucrânia desestabilizou os mercados de energia e as cadeias de suprimento em todo o mundo."

"Quero render homenagem à minha antecessora Liz Truss. Ela não errou em querer melhorar o crescimento deste país, é um objetivo nobre. Eu admirei sua inquietação em criar mudanças. Mas alguns erros foram cometidos."

"Fui eleito líder do meu partido, e como seu primeiro-ministro, em parte, para consertá-los. Esse trabalho começa imediatamente. Colocarei a estabilidade econômica e a confiança no centro da agenda deste governo."

"Eu unirei nosso país, não com palavras, mas com ações. Trabalharei dia após dia por você. Este governo terá integridade, profissionalismo e responsabilidade em todos os níveis."

ITÁLIA

Meloni nega "simpatia" pelo fascismo

Com 235 votos a favor, 154 contra e cinco abstenções, o novo governo comandado por Giorgia Meloni obteve o voto de confiança da Câmara dos Deputados e, hoje, se submete ao Senado. Em discurso de 70 minutos na Câmara, a primeira mulher a exercer o cargo de premiê na história da Itália tentou se distanciar ao máximo do fascismo — apesar da admiração por Benito Mussolini na juventude. "Apesar do que foi argumentado instrumentalmente, nunca senti simpatia ou proximidade com regimes antidemocráticos. Com nenhum regime, inclusive o fascismo", declarou.

A primeira-ministra também tratou de acalmar temores dos vizinhos aliados de que o país poderia abandonar a União Europeia (UE). "A Itália é parte plena da Europa e do mundo ocidental. (...) Não vamos frear ou sabotar a UE, e sim

torná-la mais eficaz para responder às crises", acrescentou. Ela assegurou que a Itália se manterá como um "sócio confiável para a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte)" e continuará com "o apoio à Ucrânia e sua oposição à agressão russa".

Maurizio Cotta, cientista político da Università Degli Studi Di Siena, explicou à reportagem que a nação voltou a ter um governo de coalizão, dessa vez dominada pelo ultraconservador Irmãos da Itália, de Meloni. "Mais importante do que isso é o fato de que Meloni detém forte controle e domínio do partido. Ela é uma das cofundadoras da legenda e chega ao poder depois de uma campanha eleitoral bem-sucedida. Os dois outros partidos da coalizão, a Força Itália (de Silvio Berlusconi) e a Liga (de Matteo Salvini), não estão satisfeitos pela posição de menor dominância e, por isso, podem

Andreas Solaro/AFP



A nova premiê Giorgia Meloni (C) é aplaudida por seus ministros

causar problemas", observou.

Cotta advertiu que a direita não possui forte tradição de governo na Itália. "Meloni e seu Irmãos da Itália são alçados ao poder no momento

de desafios externos, como a guerra na Ucrânia, e transformações na UE que deixam pouco espaço para as ideias conservadoras", afirmou. No entanto, ele considera Meloni como

uma política inteligente e resistente e acredita que ela precisará cooperar com a União Europeia. "Não espero ver algo como Viktor Orbán (primeiro-ministro da Hungria) neste governo. Apesar de não descartar que escutaremos frases estúpidas sobre como Benito Mussolini era bom", ironizou.

"O que realmente importa é que este será o primeiro governo liderado pela direita (não simplesmente pela centro-direita) na história da Itália republicana", disse à reportagem Marco Tarchi, professor de ciência política da Universidade de Florença e autor de livros sobre fascismo e pós-fascismo.

"Meloni também rompe com um tabu que durava desde 1945, quando a direita foi marginalizada no sistema político italiano, por ter sido acusada de favorecer o advento do fascismo e de ter colaborado com o regime de Mussolini", acrescentou. Segundo Tarchi, desde 1995, quando o

neofascista Movimento Social Italiano se transformou em Aliança Nacional, a nostalgia pelo fascismo nunca mais foi reivindicada pela direita.

Por sua vez, Luigi Di Gregorio, professor de comunicação política da Università della Toscana, afirmou ao **Correio** que a própria Meloni admitiu que admirava Mussolini 26 anos atrás, quando tinha apenas 19. "A direita pós-fascista fez um longo trabalho de reposicionamento ideológico. O problema do retorno do fascismo não existe. A ideia de Meloni é criar uma facção alinhada ao Partido Republicano, dos Estados Unidos, ou ao Partido Conservador britânico", comentou. Di Gregorio avaliou que a premiê defende uma ideia de democracia anglo-saxônica, que tende a ser bipartidária, com conservadores de um lado e progressistas do outro. "Não há perigo de torção autoritária ou nostalgia fascista." (RC)